

Achilles Vivacqua: Lírica modernista na imprensa brasileira

Achilles Vivacqua: Modernist Poetry in the Brazilian Press

Andressa Zoi Nathanailidis*

Nascido em 2 de janeiro de 1900, em arraial do Rio Pardo, atual Muniz Freire, Espírito Santo, Achilles Vivacqua (1900-1942) foi um importante propagador do ideário modernista no Brasil. Filho de Etelvina Vieira de Souza Monteiro Vivacqua, nascida na fazenda Palmeiras, em Muniz Freire, e de Antônio Vivacqua, um imigrante italiano, oriundo da província de Basilicata, da Baixa Itália (CARVALHO, 2016), Achilles integrou a primeira geração de herdeiros do casal. Ao todo, eram 15 filhos, dos quais, nove mulheres e seis homens.

Achilles teve sua formação primária ministrada por professores particulares e, desde cedo, começou a trabalhar. Ainda adolescente, passou a prestar serviços para o armazém dos irmãos Vivacqua, em Castelo (ES). Durante as folgas,

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

dedicava-se à leitura que, desde muito cedo, também lhe despertara o interesse (NATHANAILIDIS, 2008, p. 107).

Em 1920, no entanto, quando contava então com apenas 20 anos, foi vitimado pela tuberculose. Neste período, deixou o Espírito Santo, passando a viver na capital mineira junto com uma de suas irmãs, Maria. Belo Horizonte de então era considerada cidade-sanatório, portadora do clima ideal para a cura dos “males” do peito. Em pouco tempo, seus pais e demais irmãos, também, estariam instalados na capital.

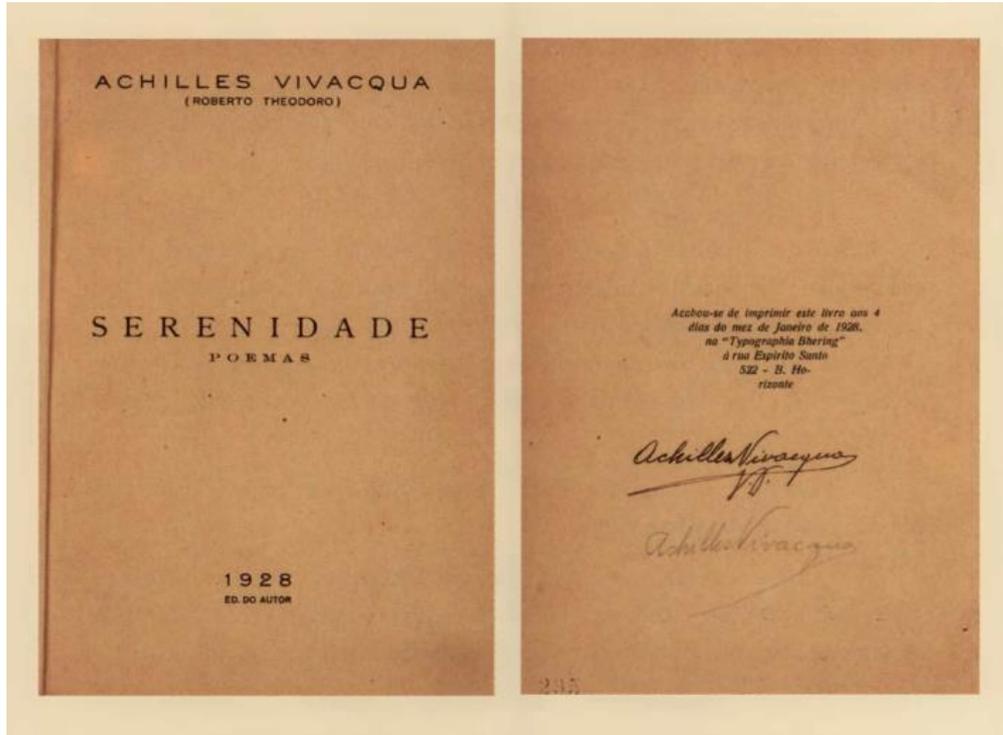
Figura 1: Retratos de Achilles Vivacqua.



Fonte: VIVACQUA, E., 1997, *passim*.

Apaixonado por Minas Gerais, Achilles se dizia um “capixaba de nascimento e mineiro por aclimatação” (VIVACQUA, E., 1997, p. 55). Em Minas, deixou a maior parte de sua produção. Apesar da doença, ali pode dar prosseguimento à sua formação acadêmica e literária. Em 1928, publicou seu único livro, *Serenidade*— uma plaqueta na qual constam seis poemas de sua autoria. Em 1934, iniciou o curso de bacharelado em Direito, na Escola Livre de Direito de Belo Horizonte — finalizado, em 1937, na Academia de Direito de São Paulo (CARVALHO, 2016, p. 223).

Figura 2: Capa de *Serenidade* e autógrafo de Achilles Vivacqua.



Fonte: VIVACQUA, E., 1997, p. 136.

Fez diversas amizades no campo literário belo-horizontino e, com isso, durante a década de 1920, após ter aderido ao modernismo, passou a colaborar com inúmeras revistas e jornais da época, publicando seus poemas, contos, crônicas e ensaios. Segundo Carvalho (2017), Achilles publicou em revistas de vários estados brasileiros e, até mesmo, do exterior. Dentre os veículos nos quais atuou como colaborador estão: *Revista Verde*, *Semana Illustrada*, *leite crioulo*, *Cidade Vergel — revista de letras e artes*, *Fon-Fon*, *Vida Doméstica*, *Ideia Illustrada*, *Vida Capichaba*, *Revista Antropofagia* e, também, os jornais sulamericanos *Renovación* e *El Heraldo*.

Figura 3: Colaborações de Achilles Vivacqua em periódicos.



Fontes: "Convite", em *leite crioulo* (<http://hemerotecahistoricamg.blogspot.com/2016/12/leite-crioulo.html>); "Livre chronica" (VIVACQUA, 1997, p. 134).

Esta seleta, pautada em arquivos digitais — sobremaneira em buscas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Brasileira — e nas investigações desenvolvidas por Juliana Cristina de Carvalho (2013; 2016; 2019), renomada pesquisadora, especialista nos estudos acerca de Achilles Vivacqua, procura ilustrar um pouco do que fora a produção poética de Vivacqua, publicada na imprensa ao longo das décadas de 1920 e 1930, de que destacamos as revistas *Semana Illustrada*, do Rio de Janeiro, e *Vida Capichaba*, de Vitória, além do jornal *Estado de Minas*. Para se ter uma ideia da materialidade das publicações, optamos por, além de transcrever os poemas em sua ortografia original, expor as páginas em fac-símile.

Poeta sensível, dono de uma escrita melancólica e observadora, Achilles nos deixou versos que apontam para a constatação dos traços autobiográficos. O isolamento, decorrente de suas condições de saúde, parece se projetar na voz lírica em poemas como "Esta tristeza que é tão leve". O texto parece descrever

o cerne de uma subjetividade – criativa oriunda de um estado de solidão reflexiva:

É a alma melancolicamente comovida
que ficou enamorada do abandono, a sonhar!
Esta tristeza nos dias perdidos em longas invocações que me põe
[numa vaga inquietude
(VIVACQUA, A., 1931a, s. p.).

Surpreendentemente, o poeta também parece ter registrado em versos alguns dos raros momentos de entusiasmo e alegria, vividos em sua trajetória breve. O leitor poderá constatar tal fato ao se deparar com o poema “Norka Rouskaya”⁶¹⁶² em que Vivacqua performa o entusiasmo perante a apresentação da excêntrica bailarina que dá nome ao texto.

Eu vi Norka Rouskaya
de saia balão
violino na mão
pintada em cima de uma silhueta (VIVACQUA, A., 1928a, s. p.).

Esperamos, por meio desta seleta, divulgar parte da vasta obra de Achilles Vivacqua, bem como inspirar novos pesquisadores a descobrirem as nuances e riquezas presentes nesta produção. Finalizamos nosso texto com o pensamento de Cyro dos Anjos acerca da escrita de Achilles Vivacqua: “Achilles Vivacqua tem a habilidade de não explicar: por isso a leitura de seus versos deixa essa sensação do *ineffável*, que é o melhor deleite em poesia” (ANJOS, apud CARVALHO, 2013).

Diante da imprecisão de possíveis explicações, deixamos ao leitor a tarefa de “sentir” os versos presentes nos poemas escolhidos e deles extrair suas

⁶¹ Segundo Fernando Correia Dias (apud CARVALHO, 2013), o poema “Norka Rouskaya” se estabelece como uma “confissão de encantamento” ante a performance da bailarina, ocorrido no Teatro Municipal de Belo Horizonte.

⁶² Há no poema de Achilles uma referência intertextual a um episódio protagonizado por Norka Rouskaya, em 1917, no Cemitério Geral de Lima (Peru). Nesta ocasião, Norka oferecendo um espetáculo a um grupo de amigos, realizou uma performance artística, em que dançava, semina a “Marcha fúnebre”, de Chopin, e da música de Saint-Saens. O episódio levou à prisão dos envolvidos (PERICÁS, 2010, p. 13).

conclusões acerca do estilo de Achilles Vivacqua. Desejamos a todos uma ótima leitura.

Referências:

CARVALHO, Juliana Cristina de. *O artista e a melancolia: Achilles Vivacqua*. 2019. 222 f. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Literaturas de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CARVALHO, Juliana Cristina de. *O modernismo em Belo Horizonte: a contribuição de Achilles Vivacqua*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CARVALHO, Juliana Cristina de. Achilles Vivacqua: vida e obra. *Caletroscópio*, Ouro Preto, v. 4, n. especial, p. 217-234, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/caletroscopio/article/view/3630/2859>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

NATHANAILIDIS, Andressa Zoi. Sobre Achilles Vivacqua. In: MACHADO, Lino; SODRÉ, Paulo Roberto; NEVES, Reinaldo Santos (Org.). *Bravos Companheiros e Fantasmas: estudos críticos sobre o autor capixaba*. Vitória: PPGL, 2008. p. 107-112.

PERICÁS, Luis Bernardo. José Carlos Mariátegui e o Comintern. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 25/26, p. 176-190, 2. sem. 2010/1. sem. 2011. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/Vol.2526/luiz-bernardo.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

REVISTA Vida Capichaba. 1925 a 1940. Hemeroteca Digital Brasileira, 2017. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capichaba/156590>>. Acesso em 24 abr. 2023.

REVISTA Semana Ilustrada, 1928. Arquivo Público, Belo Horizonte. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomia>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

VIVACQUA, Achilles. Esta tristeza que é tão leve... *Vida Capichaba*, Vitória, ano IX, n. 288, s. p., 08 ago. 1931a.

VIVACQUA, Achilles. Mãos. *Vida Capichaba*, Vitória, ano IX, n. 300, s. p., 07 nov. 1931b.

VIVACQUA, Achilles. Norka Rouskaya. *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 04 abr. 1928a.

VIVACQUA, Achilles. Preciosa offerenda para você. *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, ano II, n. 52-53, s. p., 09 jun. 1928b.

VIVACQUA, Achilles. Rimancete. *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 44-45, s. p., 14 abr. 1928c.

VIVACQUA, Achilles. Minha última offerenda a ti. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, s. p., 06 jun. 1933.

VIVACQUA, Eunice. *Salão Vivacqua. Lembrar para lembrar*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=53288&codUsuario=0>>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Seleta

Norka Rouskaya

Eu vi Norka Rouskaya
de saia balão
violino na mão,
pintada em cima de uma silhueta...

Eu vi Norka Rouskaya
ante mil olhos parada,
cantando,
tocando
dançando em sensual flexuosidade
no Theatro- Municipal...

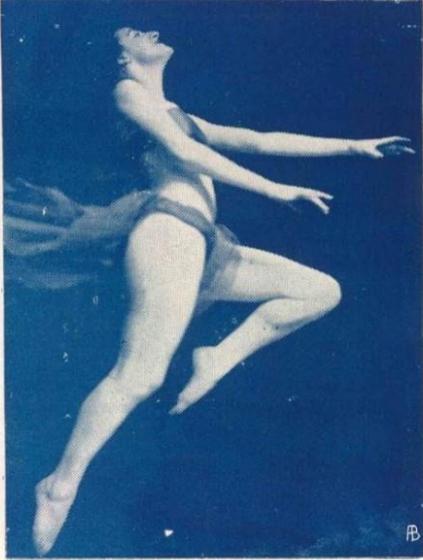
Eu vi Norka Rouskaya
nos cartazes das esquinas,
cabellos de fogo,
véo de fogo,
deesengonçada como um polichinello...

Mas eu não vi Norka Rouskaya
nua
num mavioso bailado sobre tumulos,
vestida de luar....

Oh! Eu não vi Norka Rouskaya!... (VIVACQUA, A., 1928a).

Figura 4: Poema "Norka Rouskaya" (Achilles Vivacqua).

SEMANA ILLUSTRADA



Norka Rouskaya

*Eu vi Norka Rouskaya
de saia balão,
violino na mão,
pintada em cima de uma silhueta...*

*Eu vi Norka Rouskaya,
ante mil olhos parada,
cantando,
tocando,
danzando em sensual flexuosidade
no Theatro-Municipal...*

*Eu vi Norka Rouskaya
nos cartazes das esquinas,
cabellos de fogo,
corpo de fogo,
véo de fogo,
desengonçada como um polichinello...*

*Mas eu não vi Norka Rouskaya
nua
num mavioso bailado sobre tumulos,
vestida de luar...*

Oh! eu não vi Norka Rouskaya!...

ACHILLES VIVACQUA

Norka Rouskaya — Nossa Senhora da Arte de Bailar

*A aparição de Norka Rouskaya,
ante-hontem, no Municipal, foi uma
super-divinisação...*

*Maravilhou com o seu maravilhoso
violino!*

*Deslumbrou com os seus destumbrantes
bailados!*

*Magistralmente, Norka Rouskaya
executou seu magistral programa.*

*Norka Rouskaya é flexuosidade, é
rythmo, é voluptia! Norka Rouskaya é
Arte!*

*Rythmo de pés e pernas que coreo-
grapham!*

Rythmos de curvas!



*Rythmos de belleza!
Rythmos!!!
Norka Rouskaya!
Minha Nossa Senhora da Arte de
bailar...*

*A platéa toda applaudiu Norka
Rouskaya!*

Menos eu...

*Electrisado, não tive forças para
applaudil-a.*

*Humildemente, venho trazer ago-
ra os meus applausos...*

*Norka Rouskaya!
Minha Nossa Senhora da Arte de
Bailar...*

ADHERBAL STRESSER

Oculos e pence-nez na OPTICA ALLEMÃ — Tupynambás, 450

Fonte: Revista *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, s. p., 04 abr. 1928.

Esta tristeza que é tão leve...

Esta tristeza que mora dentro de mim, intimamente,
e que num côro brando acalenta meus nervos doidos...
Esta tristeza é como o vento morno desfolhando
no jardim, um rosal florido!

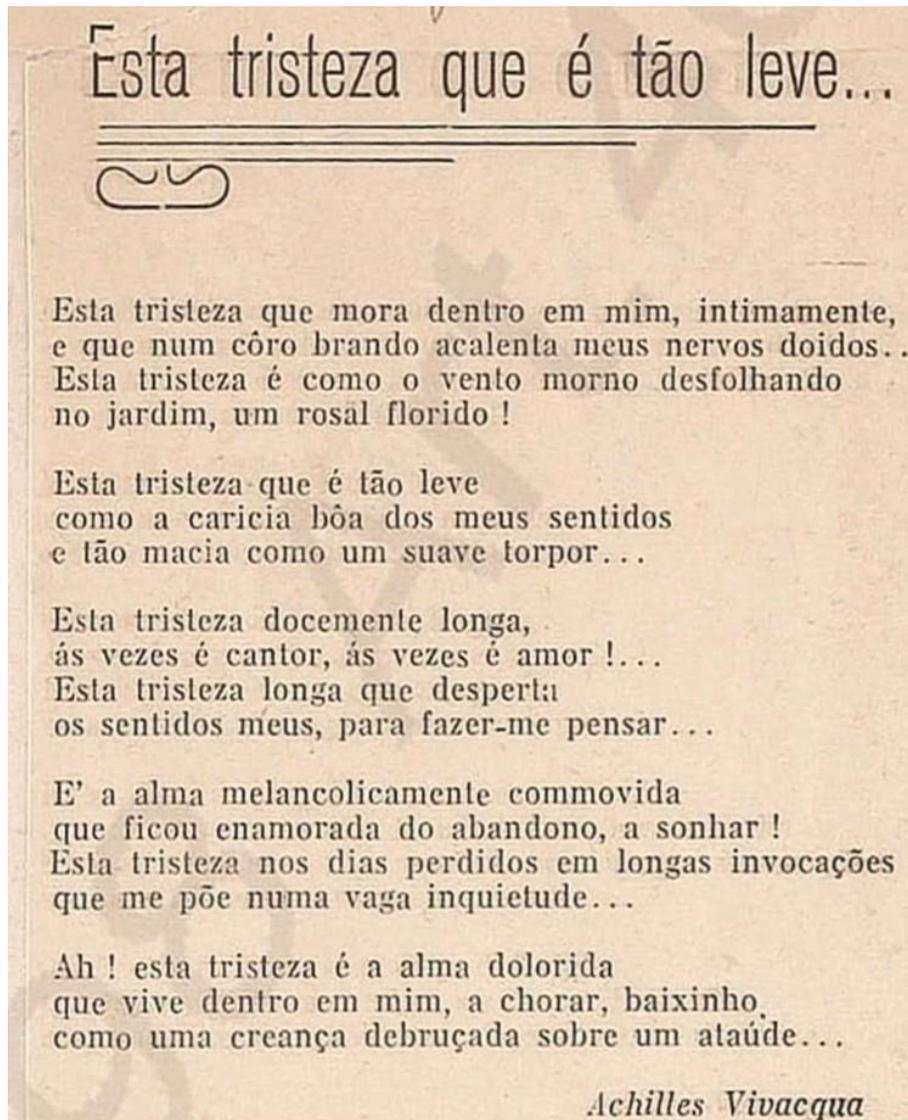
Esta tristeza que é tão leve
como a carícia bôa dos meus sentidos
e tão macia como um suave torpor...

Esta tristeza docemente longa,
às vezes é cantor, às vezes é amor!...
os sentidos meus, para fazer-me pensar...

É a alma melancolicamente comovida
que ficou enamorada do abandono, a sonhar!
Esta tristeza nos dias perdidos em longas invocações
que me põe numa vaga inquietude

Ah! esta tristeza é a alma dolorida
que vive dentro em mim, a chorar baixinho,
como uma creança debruçada sobre um alaúde...
(VIVACQUA, A., 1931a)

Figura 5: Poema: "Esta tristeza que é tão leve..." (Achilles Vivacqua)



Fonte: Revista *Vida Capichaba*, Victória, ano IX, n. 288, s. p., 08 ago. 1931.

Preciosa oferenda para você

à Mieta Santiago

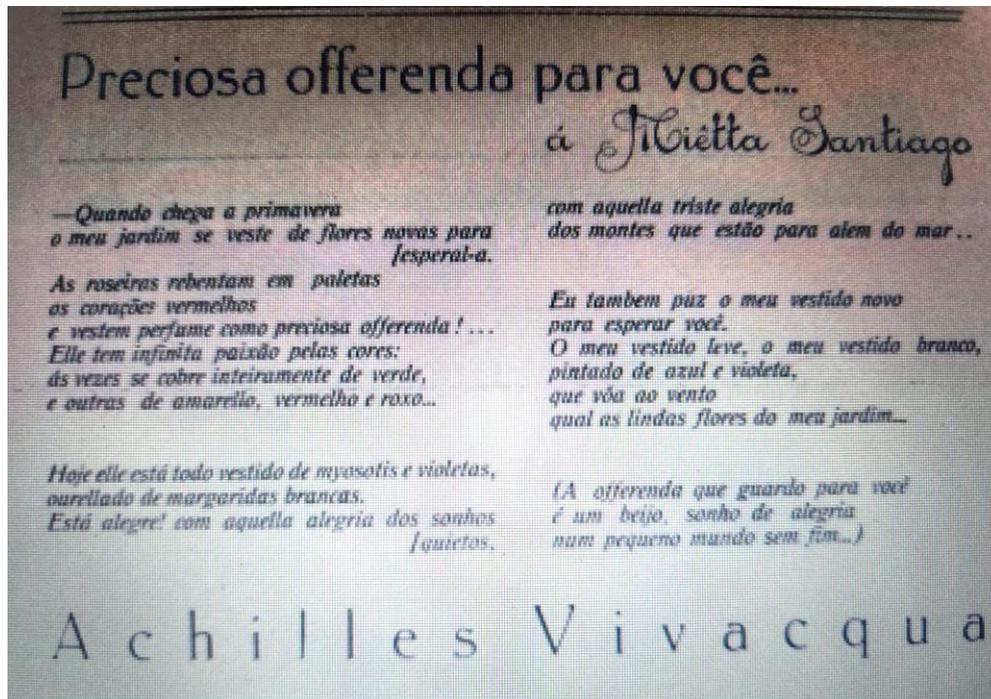
— Quando chega a primavera
o meu jardim se veste de flores novas para esperal-a.
As roseiras rebentam em paletas
os corações vermelhos
e vestem perfume como preciosa offerenda!...
Elle tem infinita paixão pelas cores:
às vezes se cobre inteiramente de verde,
e outras de amarello, vermelho e roxo...

Hoje elle está todo vestido de myosotis e violetas,
ourellado de margaridas brancas.
Está alegre! com aquella alegria dos sonhos quietos.
com aquella triste alegria
dos montes que estão para além do mar...

Eu também puz o meu vestido novo
para esperar você.
O meu vestido leve, o meu vestido branco,
pintado de azul violeta,
que vâa ao vento
qual as lindas flores do meu jardim...

(A oferenda que guardo para você
é um beijo, sonho de alegria
num pequeno mundo sem fim...) (VIVACQUA, A., 1928b, s. p.)

Figura 6: Poema: "Preciosa offerenda para você..." (Achilles Vivacqua)



Fonte: Revista *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano II, n. 52-53, s. p., 09 jun. 1928.

RIMANCETE

À Elpídio Pimentel

As rosas, no jardim deserto, pétala a pétala se desfolham.

II

Nem mais um ruído na alameda branca de luar, senão o vago rumor do vento, que parece vir pisando do alto caídas...

Eu, no entanto, prolongo o ingenuo olhar ao longo da aléa, onde dormem as sombras numa conjunção symbolica- pensando em ti, ó doce miragem!....

III

Eu sei que estás longe- bem longe de mim. No entanto, tu ainda vives para o meu sonho... Esse eterno sonho que me acompanha pelas horas de melancolia e se enovella nas visões dolorosas!...

As flores, o caixão, os círios a arder; grinalda atando-te os cabelos; e o pranto em torno... Tudo me diz que estás longe de mim, além, muito além deste jardim tranquillo e silencioso, por onde agora vou, mudo e sosinho, e onde vive a saudade- a triste saudade da nossa grande alegria.

IV

Sob o opallecer do luar, que se eleva sob o estendal das franças verdes, com a mansidão das azas brancas e silentes dos pombos – surges a me guiar os passos...

Insensivelmente, ante o livor de tua aparição – caminho de joelhos, mysticamente...

V

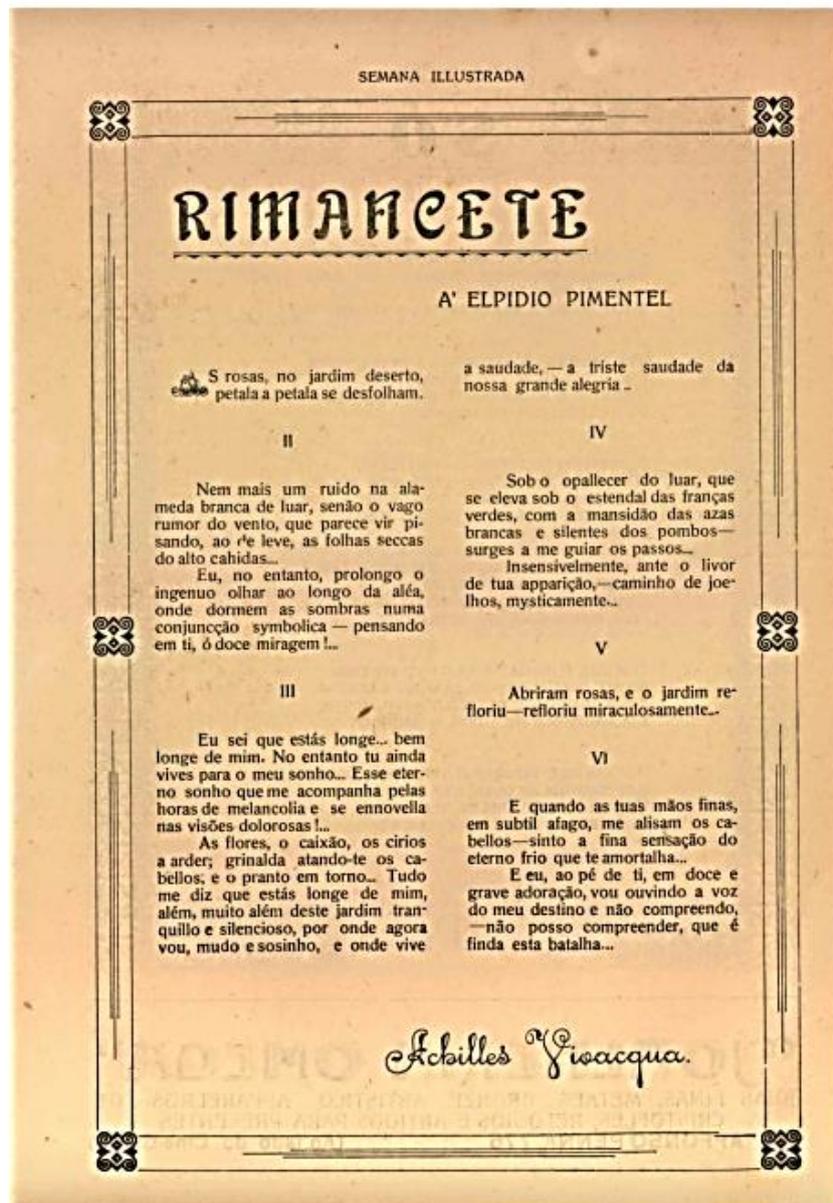
Abriam rosas, e o jardim refloriu – refloriu miraculosamente...

VI

E quando as tuas mãos finas em subtil afago, me alisam os cabellos – sinto a fina sensação do eterno frio que te amortalha.

E eu, ao pé de ti, em doce e grave adoração, vou ouvindo a voz do meu destino e não compreendo, — não posso compreender que é finda esta batalha. (VIVACQUA, A., 1928c. s. p.)

Figura 7: Poema "Rimancete" (Achilles Vivacqua)



Fonte: Revista *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 44-45, s. p., 14 abr. 1928.

MÃOS

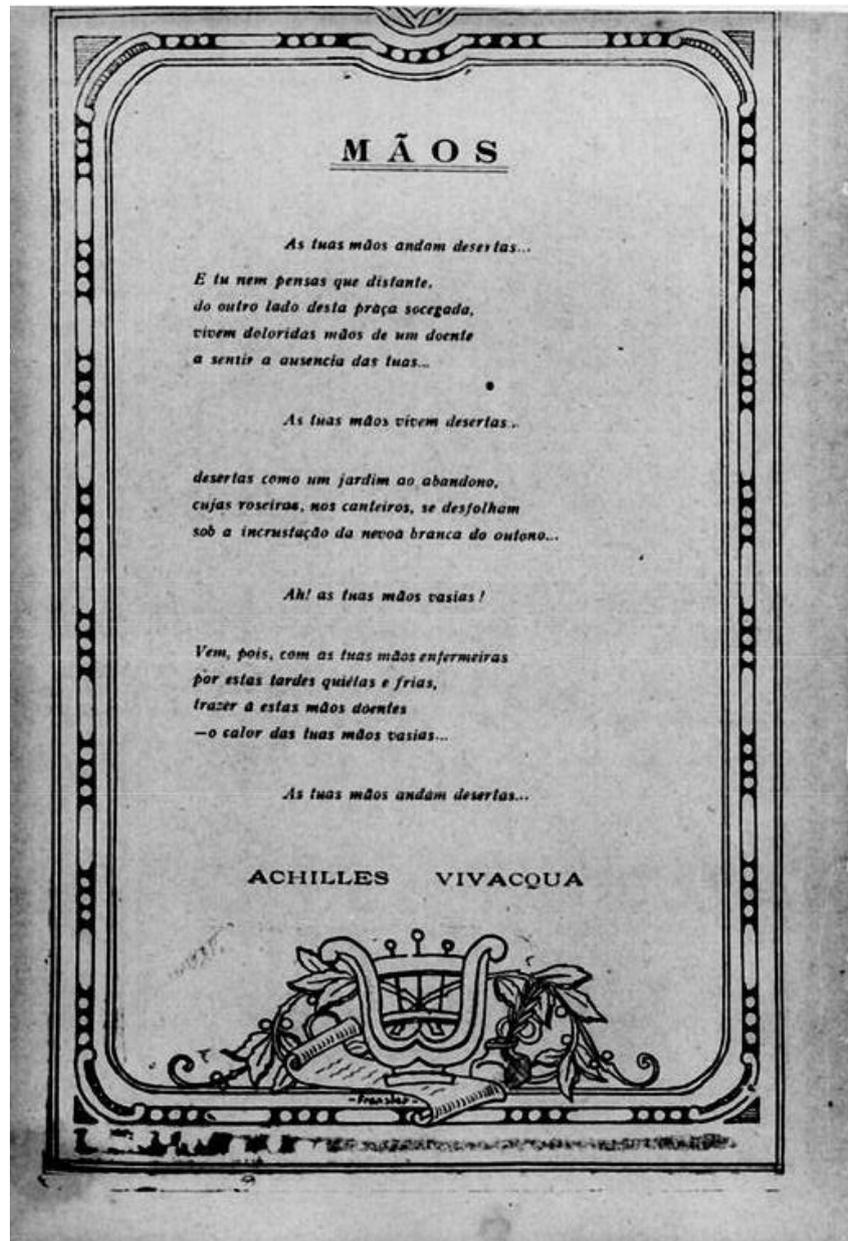
As tuas mãos andam desertas...
E tu nem pensas que distante.
do outro lado desta praça socegada,
vivem doloridas mãos de um doente
a sentir a ausencia das tuas....

As tuas mãos vivem desertas...
... desertas como um jardim ao abandono.
cujas roseiras, nos canteiros se desfolham
sob a incrustação da névoa branca do outono...

Ah! as tuas mãos vazias!
Vem, pois, com as tuas mãos enfermeiras
por estas tardes quietas e frias,
trazer a essas mãos doentes
— o calor das tuas mãos vazias...

As tuas mãos andam tão desertas....
(VIVACQUA, A., 1931b)

Figura 8: Poema "Mãos" (Achilles Vivacqua)



Fonte: Revista *Vida Capichaba*, Vitória, ano IX, n. 300, s. p., 07 nov. 1931.

Minha última oferenda a ti

Colhe, na palma branca de tua mão,
enquanto é tempo, essas lágrimas
que brotam no canto dos meus olhos.

Receio que ellas se derramem pela minha face
e se percam, para sempre, na poeira,
antes que tu consigas ver a tua imagem debruçada sobre o brilho pálido
dellas...

A tua imagem que é a fôrma da minha vida!
Colhe-as na palma quente da tua mão!

Ellas vem de uma pequenina história
que é um segredo que ainda te não revelei
e que môra no fundo das minhas retinas
— como aquellez contos tristes de fadas
que podem ser escriptos com a ponta de uma agulha.
numa noite de verão, no canto dos olhos...

Colhe-as na palma quente da tua mão,
sem demóra, ó mãe!
Como a minha última offerenda a ti...
(VIVACQUA, A., 1933)

Figura 9: Poema "Minha U'tima offerenda a ti" (Achilles Vivacqua).

Minha u'tima offerenda a ti. .

*Colhe, na palma branca da tua mão,
enquanto é tempo, estas lagrimas
que brotam no canto dos meus olhos.*

*Reccio que ellas se derramem pela minha face
e se percam, para sempre, na poeira,
antes que tu consigas ver a tua imagem
debruçada sobre o brilho pallido dellas...*

A tua imagem que é a fôrma da minha vida!

Colhe-as na palma quente da tua mão!

*Ellas vêm de uma pequenina historia
que é um segredo que ainda te não revelei,
e que mora no fundo das minhas retinas
— como aquelles contos tristes de fadas
que podem ser escriptos com a ponta de uma agulha,
numa noite de verão, no canto dos olhos...*

*Colhe-as na palma quente da tua mão,
sem demora, ó mãe!
como a minha ultima offerenda a ti...*

ACHILLES VIVACQUA

Fonte: Jornal *Estado de Minas*, Belo Horizonte, s. p. 06 jun. 1933).

Recebida em: 12 de maio de 2023.

Aprovada em: 23 de maio de 2023.